



A REPRESENTAÇÃO DA SEXUALIDADE DE JOVENS A ADULTOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO DA LITERATURA.

Elaine da Silva Nantes (UNESPAR/Campo Mourão)
Eliane Rose Maio (UEM/Maringá)
profelainesylva@gmail.com

Resumo:

Este artigo aborda a sexualidade das pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), contextualizando a evolução dos estudos sobre o tema. No Brasil, as pesquisas sobre autismo ocorreram entre as décadas de 1980 e 1990, mas os estudos específicos sobre sexualidade surgiram apenas a partir de 2002. O texto destaca as dificuldades de comunicação, sensibilidade sensorial e hiperfoco em autistas, fatores que dificultam o trabalho com a temática da sexualidade, dada a singularidade de cada indivíduo. A pesquisa busca compreender como as pessoas com TEA percebem sua sexualidade e identidade de gênero, explorando desafios nas relações interpessoais e estratégias educacionais. Adota-se uma abordagem exploratória, qualitativa e bibliográfica para analisar estudos sobre o tema. Conclui-se que a maioria das pesquisas foca na educação sexual na infância ou adolescência, sob a perspectiva de pais e professores, evidenciando uma lacuna sobre como as próprias pessoas com TEA percebem e vivenciam sua sexualidade.

Palavras-chave: Sexualidade; Transtorno do Espectro Autista; Educação para sexualidade.

Introdução

Pretendemos nesse artigo, discutir sobre a sexualidade da pessoa com Transtorno do Espectro Autismo (TEA), mas antes de se aprofundar na temática, trataremos de forma breve, quando surgiu os primeiros estudos sobre esse transtorno e como ele foi sendo gradativamente estudado por psiquiatras, psicólogos educadores. Diogo Candido de Araujo (et al., 2024, p. 10), descreve que o TEA é “[...] um distúrbio neurodesenvolvimental complexo, tem sido objeto de estudo e pesquisa ao longo dos anos, desde sua primeira descrição em 1908 [...]”, esses estudos tiveram como percursos o psiquiatra suíço Paul Eugen Bleuler, que associou os sintomas do autismo com os de esquizofrenia.



Esse conceito em que o autismo estaria associado a esquizofrenia, foi um equívoco conceitual de Bleuler (1911), e que 32 anos depois, foi corrigido pelos novos estudos e descobertas da Psicologia, da Psiquiatria e da Neurologia, e em início em 1943 com o artigo do psiquiatra Leo Kanner, intitulado “Autistic Disturbances of Affective Contact”, sua pesquisa envolveu a observação e analisou 11 crianças que tinham comportamentos considerados fora do padrão considerado “normal”, esses comportamentos eram a interação social e a resistência nas mudanças de rotina.

Esse artigo foi considerado o primeiro estudo mais detalhado sobre o autismo, pois Kanner (1943) focou suas observações nos comportamentos adversos dessas crianças, sendo eles a dificuldade de interação e comunicação, como se eles se isolassem e vivessem em um outro mundo pensado apenas por eles. Outro ponto é a resistência de mudança de rotinas, isso causa um transtorno se não for explicado com antecedência.

As crianças também demonstravam ter um padrão de linguagem como a ecolalia, ou seja, a repetição involuntária de algumas palavras, já outras apresentavam atraso no desenvolvimento da fala. Kanner (1943) destaca o fascínio por objetos que rodam, como por exemplo a roda de um carrinho, a criança pode passar horas com olhar fixo nesse movimento, e outra característica desse público foi a variação da inteligência, aonde algumas crianças apresentaram habilidades extraordinárias em algumas áreas, em alguns temas. A relevância dos estudos de Kanner (1943), podemos dizer que foram excepcionais, pois ele concluiu que o autismo era um transtorno, e que, não tinha relação com problemas psiquiátricos como por exemplo a esquizofrenia.

Já em 1944, tivemos a publicação do estudo do pediatra austríaco Hans Asperger (1944), que se assemelhou ao de Kanner (1943), por descrever a dificuldade de interação social e com movimentos repetitivos. Asperger (1944) observou que essas crianças apresentavam dificuldade em compreender regras e não tinham expressões faciais e com isso, não conseguiam entender as expressões dos outros. Percebeu-se os interesses intensos por determinado assunto ou objeto, e também problemas com relação a linguagem, muitos apresentavam uma fala monótona, e diferente de Kanner (1943), Asperger percebeu que algumas das crianças analisadas apresentavam comprometimento na coordenação motora, andando de forma



desajeitada e até mesmo para segurar objetos, após essas análises ele nomeou essas características com Síndrome de Asperger.

No Brasil, os estudos sobre o autismo e a Síndrome de Asperger datam seu início por volta da década de 1980 e 1990, e podemos destacar algumas publicações que se destacaram como as de Francisco Baptista Assumpção Jr, com o tema “Autismo Infantil: Uma Introdução” em 1989, José Salomão Schwartzman publicou sobre “Autismo e Outros Transtornos do Desenvolvimento” em 1999 e Maria Irene Maluf com o título “Autismo e Educação: Reflexões e Propostas de Intervenção” de 2000.

Podemos considerar, que no Brasil os estudos sobre o autismo são recentes, e vem crescendo cada vez mais nos últimos anos, porém ainda muitos desconhecem o que é o TEA. Araújo (et al., 2024), descreve o TEA como sendo uma condição complexa, e que não se manifestara da mesma forma em todas as pessoas, por isso ele argumenta a existência de uma variação do TEA entre as pessoas com esse transtorno, ele ainda traz as dificuldades de: “[...] comunicação verbal e não verbal e na interação social, características como comportamentos repetitivos e interesses restritos são comuns [...]” (Araújo, et al., 2024, p. 11). Além desses sinais devem ser observados também a dificuldade de expressar emoções e compreendê-las, dificuldade no contato visual, as alterações na sensibilidade sensorial, dificuldade em mudanças de rotina, fala atípicos, como ecolalia, o hiperfoco em algo específicos e dificuldade em compreender figuras de linguagem, piadas e uma fala sarcástica. Mas embora existam essas dificuldades, é relevante destacar que algumas pessoas com TEA “[...] podem apresentar habilidades excepcionais em determinadas áreas, como música, arte ou matemática” (Araújo, et al., 2024, p. 11).

Para a realização do diagnóstico do TEA é preciso uma avaliação aprofundada, uma vez que não existe ainda exames por meio de imagens cerebrais que ajudem a detectar esse transtorno, por isso o primeiro passo é a observação do comportamento da pessoa, realização de entrevistas com mãe e pai, para identificar os sinais e sintomas do TEA. (Araújo, et al., 2024, p. 11). Por isso o diagnóstico deve ser realizado por profissionais especializados como os neurologistas, psiquiatras ou psicólogos, os quais, após as avaliações clínicas que envolvem os padrões comportamentais, esses profissionais poderão fechar o diagnóstico de TEA.



Os objetivos que nortearam esse trabalho foram: conhecer as representações que as pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem de sua própria sexualidade e identidade de gênero e analisar as representações e experiências de pessoas com TEA em relação à sua sexualidade e identidade de gênero. Para responder os esses objetivos utilizou-se a pesquisa quanto aos objetivos (Gil, 2008) a pesquisa será exploratória, descritiva por pensar na população de jovens e adultos com TEA, quanto aos procedimentos técnicos utilizamos a pesquisa bibliográfica por realizarmos uma revisão das publicações de dissertações e teses sobre a sexualidade da pessoa com TEA, quanto a modalidades e metodologias de pesquisa científica optamos por uma pesquisa qualitativa e pesquisa ação.

Sexualidade e o Transtorno do Espectro Autista (TEA)

A sexualidade faz parte da vida de todas as pessoas, independentemente de terem ou não algum comprometimento, como no caso das pessoas com TEA. Ao observar as dificuldades de interação social e de comunicação da pessoa com esse transtorno, logo pensamos nos desafios que enfrentam em relação à compreensão dos aspectos sociais e emocionais ligados à sexualidade e à identidade de gênero.

Desde os primeiros estudos sobre o autismo, nota-se que não há tanta preocupação com a educação para a sexualidade. Essa negligência pode tornar crianças, jovens e até mesmo adultos vulneráveis à violência sexual, devido à dificuldade de compreensão de falas com sentido sexual, relações interpessoais e consentimento de atos e ações sexualizadas.

Como o TEA é um espectro amplo, cada autista é diferente, e, com isso, suas necessidades e dificuldades também variam. Por isso, ao pensar na área da sexualidade, é preciso focar em abordagens que possam contribuir para que essas pessoas recebam as informações necessárias sobre consentimento, identidade de gênero e relações sexuais e afetivas, promovendo uma melhor interação social.

Diante disso, buscamos realizar uma revisão das produções de pesquisas de mestrado e doutorado, com o intuito de levantar o que tem sido estudado sobre a sexualidade da pessoa com TEA. A busca foi realizada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação



em Ciência e Tecnologia (Ibict). Essa iniciativa reúne e integra os sistemas de informação sobre teses e dissertações de diversas instituições de ensino e pesquisa no Brasil, além de incentivar a publicação e o registro de trabalhos acadêmicos em formato digital, contando atualmente com a publicação de 725.958 dissertações e 283.664 teses de 153 Instituições de Ensino Superior (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2024, não paginado).

Realizamos uma busca no site da BDTD utilizando um conjunto de palavras-chave: "sexualidade e TEA", "educação sexual e autismo", "Asperger e sexualidade". Inicialmente, encontramos 35 trabalhos entre dissertações e teses, que passaram por um processo de descarte sequencial, considerando aqueles que não atendiam ao tema em foco. A partir da leitura dos resumos e introduções, constatou-se que muitos desses trabalhos não discutiam diretamente a interseccionalidade entre sexualidade e autismo, motivo pelo qual foram descartados. Dessa fase inicial, restaram apenas 14 estudos, submetidos à leitura flutuante dos textos integrais, dos quais 11 foram selecionados para compor a análise, considerando a relevância e o alinhamento com o objetivo do artigo.

A organização dos trabalhos selecionados foi feita a partir da similaridade dos objetivos de pesquisa. Algumas dissertações e teses focam na percepção da sexualidade por parte de familiares e responsáveis de pessoas com TEA, como os trabalhos de Ana Carla Vieira (2016), que investigou as opiniões e ações de mães em relação à sexualidade de seus filhos autistas, analisando os relatos dentro de categorias temáticas. Graziela Mezin da Silva (2020) investigou, em sua dissertação, como familiares de pessoas com TEA, percebem e abordam a sexualidade desses indivíduos, entrevistando pais, mães e outros familiares próximos. A pesquisa destaca a importância de considerar as especificidades desses discursos para uma abordagem mais inclusiva da sexualidade no contexto do TEA, e seguindo o público da pesquisa anterior, Thais Rodrigues de Carvalho Nascimento (2021) analisou o papel da família na educação sexual de crianças e adolescentes autistas, utilizando uma abordagem fenomenológica para compreender como essas interações ocorrem no núcleo familiar.

Outros estudos analisam a vivência da sexualidade pelos próprios autistas, como os de Victor de Barros Malebra (2020), que investigou as experiências de



adolescentes com TEA e suas famílias em relação à sexualidade. A pesquisa buscou compreender as percepções e desafios enfrentados por esses indivíduos e seus pais, visando contribuir para a educação sexual e o apoio adequado a essa população. Ana Carla Vieira Ottoni (2022) explorou as questões relacionadas à sexualidade em adultos com TEA. A pesquisa analisou as necessidades e desafios dessa população, oferecendo contribuições significativas para a educação sexual e estratégias de inclusão.

E mais recentemente temos a pesquisa de Shirlei Silva Moreira de Carvalho (2024) realizou uma análise documental de materiais audiovisuais sobre a sexualidade de pessoas com TEA. A pesquisa buscou identificar como as relações interpessoais e a sexualidade são retratadas nesses materiais, contribuindo para a compreensão e disseminação de informações sobre o tema. Ainda em 2024, temos os escritos de Adriana Onofre Schmitz analisou as representações sociais de pais e profissionais de apoio sobre a sexualidade de adolescentes autistas, identificando percepções, desafios e atitudes diante da manifestação da sexualidade desse público.

Há ainda pesquisas voltadas para a abordagem da sexualidade no contexto escolar e educacional, como as de Jaqueline Tubin Fieira (2017), dedicou-se a compreender como professores interpretam o desenvolvimento psicosssexual de crianças autistas no ambiente educacional, fundamentando-se na psicanálise para essa análise. Michele Mello Ferreira Rodrigues (2021) analisou como educadores podem abordar a sexualidade de estudantes com Síndrome de Asperger no ensino de ciências, utilizando uma pesquisa qualitativa com questionários abertos para professoras e alunos. E, Fabiana Serbai (2022) direcionou sua pesquisa para a percepção de adolescentes autistas, professores e responsáveis sobre a puberdade, identificando como esse público compreende as mudanças físicas e comportamentais associadas a essa fase da vida.

Durante a leitura das pesquisas de mestrado e doutorado, percebeu-se que as publicações correspondem as pesquisas realizadas nos últimos nove anos, e podemos refletir sobre a crescente preocupação de profissionais da psicologia e da educação com o atendimento de indivíduos com TEA que estão chegando à puberdade. Os estudos, como os de Malerba (2020), Mezin da Silva (2020), Ottoni (2022) e Carvalho (2024) refletem a crescente preocupação sobre como abordar a



sexualidade de indivíduos com TEA, especialmente no contexto da puberdade e do desenvolvimento da identidade de gênero. Esses estudos destacam a necessidade urgente de promover um diálogo sobre questões de gênero, identidade de gênero e educação para sexualidade, de maneira inclusiva e respeitosa.

Considerações finais

Diante das análises realizadas, fica evidente que a sexualidade das pessoas com TEA ainda é um tema pouco explorado e debatido. A revisão das pesquisas aponta para a necessidade urgente de abordagens mais inclusivas e educativas que permitam a esse público compreender melhor sua própria sexualidade, identidade de gênero e relações interpessoais. Além disso, a ausência de informações e de orientações adequadas pode tornar essas pessoas mais vulneráveis a abusos e dificuldades emocionais. Portanto, investir em práticas educacionais, intervenções terapêuticas e estratégias de conscientização se faz essencial para garantir que esses indivíduos tenham autonomia e qualidade de vida.

Referências

- ARAUJO, Diogo Candido de., et al. Autismo: uma análise abrangente. In RAMALHAIS, Taíza Fernanda (org). **Compreendendo o Autismo**. Formiga (MG): Editora Union, 2024. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/744198/2/Compreendendo%20o%20Autismo.pdf>. Acesso em 22 de Fev. de 2025.
- ASPERGER, Hans. Die “**Autistischen Psychopathen**” im Kindesalter. Archiv für Psychiatrie und Nervenkrankheiten, v. 117, p. 76-136, 1944. Disponível em: <https://blogs.uoregon.edu/autismhistoryproject/archive/hans-asperger-autistic-psychopathy-in-childhood-1944/>. Acesso em 21 de Fev. de 2025.
- BARBOSA, P., & LIMA, M. (2022). **Autismo e suas complexidades**: Desafios na comunicação e interação social. Porto Alegre: Editora 123.
- BRILHANTE, A. V. M. et al.. “Eu não sou um anjo azul”: a sexualidade na perspectiva de adolescentes autistas. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 2, p. 417–423, fev. 2021.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Disponível em: <https://bdtb.ibict.br/vufind/>. Acesso em 20 de Fev, 2025.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **The Nervous Child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943. Disponível em: <https://informationautism.org/publications/291/autistic-disturbances-of-affective-contact->. Acesso em 21 de Fev. de 2025.

KUSCHNER, J. (2021). **Sexualidade e autismo**: Abordagens terapêuticas e educacionais. São Paulo: Editora XYZ.

LIBERALESSO, Paulo e LACERDA, Lucelmo. **Autismo**: compreensão e práticas baseadas em evidências. Curitiba-PR: Movimento Capricha Inclusão. 2020. Disponível em: <https://mid.curitiba.pr.gov.br/2021/00312283.pdf>. Acesso em 22 de Fev. de 2025.

MALEBRA, Victor de Barros. **Sexualidade no Transtorno do Espectro Autista**: perspectivas de adolescentes, de sua mãe e de seu pai. Dissertação de mestrado. Faculdade de filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo. Área de concentração: psicologia. 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59141/tde-08022021-192641/publico/Resumida_Victor_de_Barros_Malerba.pdf. Acesso e 20 de Fev, 2025.

MELLO, Lucia Maria de Lima. Autismo e sexualidade. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 25, n. 3, p. 1263-1273, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682019000300020&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 fev. 2025. <https://doi.org/10.5752/P.1677-1168.2019v25n3p1263-1273>.

OTTONI, Ana Carla Vieira. **Sexualidade, Autismo e Vida Adulta**: contribuições para educação sexual. 2022. 186f. Tese (Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/8b742776-593b-421f-b63e-35eb8d6bf510>.

SANTOS, L. & ALMEIDA, R. (2020). **Autismo e questões sociais**: Como intervir com eficácia. Rio de Janeiro: Editora ABC.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico].1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.